

## ENTREVISTA

### ENTRANDO NO BOSQUE #LEIAMAISMULHERES: ENTREVISTA COM JULIANA CRISTINA SALVADORI

Entrevistada Profa. Dra. Juliana Cristina Salvadori  
Entrevista concedida a Jailda Passos Alves<sup>1</sup>



Juliana Cristina Salvadori é uma das idealizadoras e criadoras do projeto “Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores”, bem como da sua extensão “Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES”. Salvadori possui graduação em Letras Português Inglês Licenciatura Plena pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (2002), Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005) e Doutorado em Letras da Pontifícia

---

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, possui graduação em Letras Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2018). Endereço eletrônico: jailda.alves@outlook.com.

Universidade Católica, PUC Minas (2013). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como docente da graduação e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), UNEB Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Campus IV, Jacobina. É membro do Grupo de estudos em Educação Inclusiva e Especial (GEEDICE) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Desleitura em série, cujas principais áreas de atuação e interesse são literatura comparada, teoria e crítica literária, tradução como leitura-escritura. É a esse último grupo que o projeto “Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES” está associado.

Sabe-se que a campanha do leia mais mulheres iniciou-se com a escritora e ilustradora britânica Joanna Walsh, em 2014, com a *hashtag* #ReadWomen2014 no Twitter, e, desde então, tem se propagado por vários lugares do mundo. Na revista online literária *Berfrois*<sup>2</sup>, Walsh (2014) relata que começou a *hashtag* a partir de alguns *Cartes de Voeux* que fez, relacionando a tradição francesa de enviar cartões de ano novo com a palavra *Voeux* que significa bons desejos, mas também "voto" [vow]. Ela conta ainda que, nesse período, acompanhou alguns projetos nos quais leitores se comprometeram, por um certo tempo, ler somente livros escritos por mulheres, sendo assim, os cartões foram produzidos em apoio e encorajamento a essa iniciativa, e, por conseguinte, postados no Twitter sob a justificativa de que essa seria a melhor maneira de entrar em contato com qualquer pessoa que ela gostaria de mandá-los, dado que a maioria dos seus amigos e colegas estariam nessa plataforma. Walsh (2014) salienta que sua motivação pessoal para #ReadWomen2014 foi impulsionada pelo fato de que embora as mulheres leiam

---

2 WALSH, Joanna. #readmorewomen. *Berfrois*. 2014. Disponível em: <<https://www.berfrois.com/2014/01/joanna-walsh-the-year-of-reading-women/>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

mais livros do que os homens e as mulheres autoras sejam publicadas em números comparáveis, elas são mais facilmente esquecidas, isto é, dispõem menor presença em revistas literárias, tanto como revisoras quanto como revisadas, ademais, elas possuem menor número de traduções literárias. Assim, divulgar e ler livros escritos por mulheres seria uma medida contra essa desigualdade.

**Alves:** Como surgiu a ideia do projeto “Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores” e por que “Entrando no bosque”?

**Salvadori:** A proposta surgiu em 2013, como projeto de extensão, a partir de uma experiência de sala de aula na graduação em Letras Língua Inglesa. Cheguei em Jacobina para trabalhar no campus da UNEB EM 2012 e um dos componentes curriculares que me foi alocado foi um chamado Panorama da literatura de língua inglesa: da origem à modernidade, que é uma coisa louca, porque em 60 horas você tem que condensar cerca de 1000 anos de literatura, e é um componente ministrado logo no terceiro semestre. Como todo professor, precisei definir um recorte, e optei por abordar ficção, visto que poesia tem menor trânsito de leitores. Mesmo com os recortes e foco em ficção, inclusive em diálogo com adaptações filmicas, houve dificuldade de aprofundamento da discussão – nossas alunas não eram leitoras e não tinham repertório de leitura em língua portuguesa para mobilizar e comparar com os textos e escritores em língua inglesa. Duas alunas então me procuraram porque gostariam de propor a partir de suas experiências com textos de língua inglesa momentos de diálogo com os colegas que estavam entrando no curso e que iriam se deparar com panorama: a proposta então era construir um repertório de leitura ao longo do processo. Pensamos então em transformar essa ação em um projeto de extensão e para isso me inspirei no projeto de Rede de leitores da PUC Minas, onde cursei o doutorado, coordenado pela professora Jane Quintiliano, que tinha como

foco expansão de rede de leitores. Daí surgiu a ideia de formação de rede de leitores e de criar espaço para vivências de leitura que a sala de aula, por sua abordagem crítica, não permitir – um espaço para os gostos e desgostos e para as experiências de vida, mas também para criação de repertório que serviria de base para discussão crítica e teórica. A metáfora é da obra de Eco, *Seis passeios pelo bosque da ficção*, que toma de Borges a definição do texto ficcional como um “jardim de caminhos que se bifurcam”. Logo, a formação de redes assumiu essa imagem de entrando no bosque, considerando também nosso território de identidade, que o bosque pode ser o sertão.

**Alves:** No Brasil, a campanha do #ReadWomen2014 adquiriu forma em 2015, por meio de Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, através da iniciativa Leia Mulheres, com a configuração de clube de leitura. A seleção da proposta do projeto “Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES” vai ao encontro dessa iniciativa? A quais tipos de leitores esse ele se destina e quais são os seus objetivos?

**Salvadori:** O entrando no bosque em 2018 emergiu justamente da convergência da proposta de formação de leitores que começou a se desenhar em 2013 e que foi tomando corpo nos projetos e objetos de pesquisa do Grupo Desleitura sob minha coordenação em conjunto com professor Felix – pensamos, por que não ler mais, juntas, mulheres, as mulheres que pesquisamos? Por que não criar, mesmo que em esfera micro, essa demanda pela leitura da escrita de mulheres, que são, inclusive, menos traduzidas (sendo a tradução literária um dos meus objetos de investigação)?

**Alves:** Temos uma grande quantidade de livros escritos por mulheres. As opções tornam-se ainda mais vastas ao ampliarmos as produções realizadas por nações. No entanto, sabemos também da dificuldade de acesso a certos livros, seja por meio da sua não tradução ou até mesmo por ques-

tões financeiras para a sua aquisição. Destarte, de qual forma acontece as escolhas dos livros? Há parcerias com bibliotecas e/ou livrarias?

**Salvadori:** A escolha da programação leva em conta a acessibilidade aos textos- essa é uma das questões que consideramos com cuidado – o texto precisa ser traduzido, caso seja de escritora de língua inglesa, e o acesso físico ou online é garantido. Temos parceria com a livraria SerTão aqui em Jacobina, de modo informal, mas o diálogo com as bibliotecas precisa ser desenvolvido, inclusive com biblioteca setorial da UNEB e demais. No momento, o acesso tem sido garantido daquela forma antiga atualizada pela tecnologia – quem tem, empresta, repassa, lê junto, num movimento coletivo.

**Alves:** Como se organiza metodologicamente o projeto e os encontros?

**Salvadori:** A edição de 2018 se organizou a partir de encontros quinzenais em que mediadores do grupo disparavam a discussão na roda. Em algumas rodas trouxemos trechos dos textos para serem lidos e compartilhados porque entendemos que a proposta é aberta e que a leitura do texto pode preceder o encontro ou ser por ele desencadeada – e essa é a graça da coisa, várias pessoas em níveis diferentes de leitura. A dinâmica de 2019 se estruturou a partir de encontros mensais pois percebemos que o encontro quinzenal não nos permitia ler, de fato, os textos. Apesar dos encontros abertos, percebemos resistência da comunidade em chegar ao espaço da UNEB em Jacobina e a mesma dificuldade em fazer a roda girar e jogar conversa, texto, impressões, experiências para dentro. Por isso, em 2019, estamos em um espaço cultural da cidade chamado Galpão Payayá – a primeira roda abriu com bell hooks e roda de samba – a chamada sendo “feminismo dá samba?”. Pudemos perceber que deu. Samba e público.

**Alves:** Na UNEB, Campus IV, há o Núcleo de Traduções (NUTS), cogita-se alguma parceria com #LEIAMAIS-MULHERES e o Grupo de Pesquisa Desleituradas em Série para a tradução de romances e/ou outros textos de autoria feminina para uma possível publicação?

**Salvadori:** Cogita-se, sonha-se, imagina-se, deseja-se. Ainda não aconteceu, mas está no nosso horizonte de expectativas. Começamos a tornar realidade. Em 2018, durante a execução das atividades do #LEIAMAIS-MULHERES tivemos, em parceria com o NUTS, uma oficina de tradução do texto "Of Human Bondage" ministrada pela pesquisadora e tradutora Julia Seixas Romeu, que trabalha na área há mais de dez anos e já traduziu obras de autores como Jane Austen, Charlotte Brontë, Chimamanda N. Adichie, William Faulkner, Rodyard Kipling e J.M. Barrie. A iniciativa teve como objetivo viabilizar o acesso à leitura e ao texto literário de modo mediado, por meio de práticas de socialização da leitura, além de fomentar a prática tradutória por alguém que possui experiência no campo.

**Alves:** Após o início do "Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES", houve maior interesse dos discentes em desenvolver na área? Quais outros resultados você pode elencar?

**Salvadori:** No "Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores", um dos nossos objetivos voltava-se ao incentivo de criação de grupos de pesquisas e conseguimos, a partir de então, dar início ao grupo Desleituradas em Série que agregam os discentes que almejam desenvolver pesquisa neste campo. Com o "Entrando no bosque #LEIAMAIS-MULHERES" visou/visa-se tanto o fomento à leitura de textos literários escritos por mulheres, quanto o fortalecimento de pesquisas em andamento ou já realizadas por meio da socialização dos resultados de pesquisa em leitura, literatura, tradução, postas em diálogo com outras formas narrativas – cinema, música, séries etc., além

de operar como um estímulo a novos pesquisadores na comunidade acadêmica e local. Ademais, conseguimos ampliar o projeto para o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias do Campus XXIII da UNEB, localizado na cidade de Seabra, que avalia-se como um resultado positivo pela viabilização em outros espaços e pela ampliação do diálogo quanto à formação de leitores e práticas de leitura.

**Alves:** Quais foram as maiores dificuldades para a execução do projeto?

**Salvadori:** Financiamento para trazer convidados e mediadores. Participação da comunidade externa, muito reticente quanto ao espaço da UNEB. Falta de apoio da comunidade interna – colegas, professores, colegas da educação básica concretizada em ações. 2019 traz os mesmos problemas quanto à apoio e financiamento, mas não quanto ao espaço – estamos desenvolvendo atividades em espaço cultural e a entrada da comunidade externa foi melhor. Aguardamos os capítulos das próximas rodas.

**Alves:** No que diz respeito ao incentivo à leitura, qual o papel das instituições e das políticas públicas no apoio para com esse tipo de iniciativa?

**Salvadori:** Pode-se apontar a relevância de projetos sobre leitura chamando a atenção para o fato de que este tema, bem como suas práticas, tornou-se objeto de várias políticas estaduais, federais e mesmo internacionais, como as iniciativas fomentadas pela UNESCO (vide Cátedras de Leitura) e o próprio Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL, 2010), estruturado em quatro eixos, a saber: 1) Democratização do acesso; 2) Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3) Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e; 4) Desenvolvimento da economia do livro. As ações propostas nesse projeto de extensão, em consonância com as pesquisas realizadas pelos membros do Grupo de Pesquisa, vão diretamente ao encontro dos dois

primeiros eixos de ação propostos pelo PNLL, visto que partimos do pressuposto de que cabe à universidade papel central na formulação e fomento a essas políticas bem como na avaliação de seus impactos, particularmente no ensino básico, suprido pelos cursos de licenciatura, não somente com professores, mas também com encaminhamentos teórico-metodológicos. Destarte, ao identificar a pouca a pouca familiaridade com textos literários e com as estratégias e propostas de leitura e interpretação nos discentes em alguns componentes curriculares do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas, articulamos um projeto, em parceria com os próprios discentes e a Universidade como um modo de fomentar formação de leitores e capacitar agentes de leitura, nesse caso, futuros professores.

**Alves:** Por fim, como você avalia o “Entrando no bosque #LEIAMAISMULHERES”? Dará continuidade no ano de 2019 ou há outros desdobramentos em vista?

**Salvadori:** No final de 2018 centramos nossas leituras nas obras escritas por mulheres negras e assim se dará nossas atividades em 2019, com o #LEIAMAISMULHERESNEGRAS. Finalizaremos a programação do projeto de extensão propondo rodas de leitura mensais com mediação de parceiras e parceiros, e a culminância se dará no III Colóquio Desleituradas, evento que acontecerá no mês de outubro deste ano, organizado pelo grupo de Pesquisa Desleituradas em Série, contando com presença das escritoras e poetas Lívia Natália, Jarid Arraes e Tatiana Nascimento, que também é tradutora e editora da Padê Editorial.

**Alves:** Muito obrigada, professora Juliana, pela solicitude e prestimosidade.